



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 3, set.-dez. 2018

## CONSTRUÇÃO BINOMINAL E LEXICALIZAÇÃO: UM ESTUDO CENTRADO NO USO



## BINOMINAL CONSTRUCTION AND LEXICALIZATION: A USAGE-BASED STUDY

Nuciene Caroline Amphilóphio FUMAUX  
Karen Sampaio Braga ALONSO

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 31/10/2018 • APROVADO EM 29/01/2019

---

### Resumo

---

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção binominal qualitativa no português brasileiro a partir da ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. A pesquisa utilizou como *corpus* o livro de crônicas “Em algum lugar do paraíso”, de Luis Fernando Verissimo. Procuramos identificar as propriedades semânticas da construção, distribuir os dados em categorias e verificar qual(is) a(s) categoria(s) mais propensa(s) ao nível mais alto de lexicalização. Após a análise de dados, observamos que as categorias *parte-todo* e *tipificação* não possuem dados nos níveis L3 e que a maior parte dos dados são classificados como menos lexicalizados (L1), há um equilíbrio entre as porcentagens dos primeiros níveis. Já na categoria *Metaforização*, o nível L1 possui a maior parte dos dados, no entanto, esta categoria é a única que possui dados no nível L3 (o mais lexicalizado). Logo, nesta análise, concluímos que as

metáforas, presentes extensivamente na nossa comunicação, estão mais propensas a um nível maior de lexicalização do que as outras categorias.

---

## Abstract

---

The aim of this work is to analyze the qualitative binominal construction in Brazilian Portuguese from the perspective of Usage-based Linguistics. In this research, we used a book of chronicles “Em algum lugar do paraíso”, by Luis Fernando Verissimo, as corpus. We identified the properties of the semantic-pragmatic qualitative binominal construction, distributed the data in groups and checked which group(s) is more likely to reach the highest level of lexicalization. We realized that *parte-todo* and *tipificação* had most data in L1. However, in L3, we only found *metaforização* group. Therefore, we conclude that the metaphors, that are extensively present in our communication, are more likely to reach a higher level of lexicalization.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Dois. Construção Binominal Qualitativa. Lexicalização. Linguística Funcional Centrada no Uso. Três.

**KEYWORDS:** Binominal Construction. Lexicalization. Usage-based Linguistics.

---

## Texto integral

---

### 1- Introdução

A presente pesquisa<sup>1</sup> pretende analisar a construção binominal com sentido qualitativo no português brasileiro. A construção em foco é considerada binominal por apresentar uma relação entre dois nomes, com a forma N1 de N2 <sup>(qualitativo)</sup><sup>2</sup>, como nos exemplos *baqueta de bar*, *palito de dente*, *garrafa de vinho* e *banho de mar*, e são qualitativas por apresentarem uma relação de especificação entre esses nomes, como no trecho abaixo:

- (1) “Esses hotéis modernos... Espera um pouquinho. O que eu estou fazendo num hotel? Fui dormir ontem à noite na minha cama e acordo numa **cama de hotel**? Ou não foi ontem à noite, já se passaram dias e eu é que não me lembro?” (VERISSIMO, 2011, Pág. 23)

No exemplo acima, “hotel” é a especificação de qual o tipo de cama, ou seja, há uma relação de qualificação (atribuição de uma qualidade) no construto binominal. Podemos, ainda, considerar que hotel se opõe diretamente a outras combinações possíveis para *cama*, como *cama de hospital*, *cama de casal* e etc.

Este estudo possui como objetivo principal entender o grau de lexicalização na construção binominal qualitativa. Para isso procuramos entender melhor a forma e a função da referida construção, além de observar, nos dados coletados, aqueles que pudessem ter um sentido mais idiomático e menos literal em suas estruturas. Analisaremos, ainda, a presença e a ausência do determinante na construção.

Castilho (2010) afirma que o sentido básico das preposições é o de localizar no espaço ou no tempo as entidades que são ligadas por elas. Sendo assim, as preposições atribuem propriedades semânticas às palavras que relacionam, atuando, assim, como operadores de predicação. Entendemos, neste trabalho, que a interpretação qualitativa se associa mais especificamente a ideia de atribuir uma qualidade a um nome. Sendo assim, na maior parte dos dados, um sintagma preposicional (SP), formado pela preposição *de* e pelo segundo nome no nominal, especificaria o primeiro nome, ou revelaria a sua finalidade. Usos como esse podem ser encontrados na língua em variadas estruturas sintagmáticas como: livro de pintar, água de beber, roupa de sair, copo de vidro etc.

A pesquisa foi realizada com base nos pressupostos da corrente chamada Linguística Funcional Centrada no Uso e utilizou como *corpus* o livro de crônicas “Em algum lugar do paraíso”, de Luis Fernando Verissimo. É consensual que este gênero transita entre o jornalismo e a literatura, de modo que abra espaço para o artístico e a vivência real. Costa (2014) entende que a crônica possui um caráter informal e leve, o que certamente podemos perceber na obra de Verissimo. Acreditamos que o gênero escolhido possa favorecer o uso da construção binominal qualitativa, por ter uma linguagem menos formal, como na oralidade, e abordar temas do cotidiano. Contudo, é importante ressaltar que essa escolha não enviesará os resultados, uma vez que o tema do trabalho é entender o grau de lexicalização nas construções e não fazer uma comparação do uso da construção entre gêneros textuais. É imprescindível para o trabalho ter um bom número de dados para que possamos entender melhor as categorias das construções estudadas, assim como os diferentes graus de lexicalização que elas apresentam.

Para falar sobre a lexicalização nas construções binominais qualitativas, utilizamos a proposta de Goldberg (1995; 2006) de Gramática das Construções, e procuramos classificar os dados em níveis de lexicalização, segundo a análise de Brinton & Traugott (2005), que postulam que os itens do léxico podem enquadrar-se em uma escala que varia de um nível mais baixo de lexicalização até o mais lexicalizado (L1 < L2 < L3). Também se julgou necessário entender os dados encontrados a partir da hierarquia de mudança construcional estabelecida por Traugott (2008), a saber: macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e construtos.

## 2- Pressupostos teóricos

Esta pesquisa é desenvolvida sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Esta corrente teórica une os conceitos do Funcionalismo norte-americano

da Costa Oeste e da Linguística Cognitiva, também chamada por muitos autores de Linguística Cognitivo-funcional. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é assim denominada em correspondência com a *Usage-Based Linguistics* – termo proposto por Langacker (1987) – na literatura estrangeira, e tem como principal premissa o fato de que a língua emerge do uso, além de assumir grande interesse em mudanças linguísticas.

De acordo com a LFCU, o contexto sempre deve ser observado, pois uma situação comunicativa específica poderá motivar a utilização de uma forma linguística por parte de um falante. Segundo Martelotta (2011), a base do funcionamento linguístico está na habilidade humana em formar categorias e dispô-las em diferentes domínios de conhecimento, assim como estabelecer semelhanças entre elas ou fazer analogias. Desta forma, ponderamos que as mudanças linguísticas não são arbitrárias, pois existe um contexto que motivará o referente escolhido.

Tendo em vista a arquitetura da gramática que se toma teoricamente, esta pesquisa parte da definição de Goldberg (2006) de construção:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não possa ser inteiramente previsto a partir de suas partes componentes ou de outras construções já estabelecidas. Adicionalmente, mesmo padrões inteiramente previsíveis podem ser armazenados, desde que ocorram com frequência suficiente. (GOLDBERG, 2006, p. 4)

Partindo do postulado de Goldberg (1995; 2006), que é de fundamental importância para a teoria, toda e qualquer construção é um pareamento que contém informações sobre a forma e sobre o sentido.

Arelado ao entendimento de construções, Traugott (2008) postula três níveis hierárquicos de análise de mudança entre elas. Esta proposta da autora demonstra um possível entendimento das construções em relação a outros tipos de construções similares. Embora a autora proponha apenas três níveis, possivelmente alguma categoria possa ter mais níveis esquemáticos.

Baseado na proposta da autora, apresentamos a seguir o entendimento neste trabalho sobre os níveis hierárquicos de mudança na construção binominal qualitativa.

#### Quadro 1- Níveis hierárquicos de mudança

Macroconstruções: <b>que cobrem o nível esquemático máximo.</b>	<b>Ex.: Construções Binominais [(det)*<sup>3</sup> SN de SN]</b>
Mesoconstruções: <b>que correspondem ao conjunto de construções que</b>	<b>Construções Binominais qualitativas [(det)* SN de SN<sub>(qualitativa)] + Construções</sub></b>

**apresentam comportamento  
semelhante.**

**Binominais quantitativas** [(det)\* SN de  
SN<sub>(quantitativa)</sub>]

Microconstrução: **os tipos individuais de  
construções.**

(det)\* SN de SN<sub>(qualitativa)</sub>

Construtos: **os dados empiricamente  
testados, que são o lugar da mudança.**

Latinha de anchovas, cama de hotel, banho  
de mar

Fonte: Adaptado de TRAUGOTT (2008, p. 3)

Um entendimento importante neste trabalho é o de que, para a LFCU, as habilidades cognitivas envolvidas no conhecimento linguístico não são inerentes à linguagem; e também operam em outras áreas da cognição humana. Bybee (2010) denomina essas habilidades como processos de domínio geral, a saber: categorização, memória rica, *chunking*, analogia e associação transmodal. Contudo, segundo a autora essa lista não esgota outros processos que possam estar ligados a linguagem ou que sejam específicos a ela.

De acordo com Cezario & Furtado (2013), para a LCFU, o comportamento linguístico está diretamente relacionado com as capacidades cognitivas de uma pessoa, que estão ligadas aos princípios de categorização, à organização conceptual e aos aspectos relacionados ao processamento linguístico. As categorizações que fazemos são baseadas na experiência com as construções que já existem na língua e decorrentes da nossa experiência de mundo. Essa corrente afirma a importância do contexto para a apreensão do significado. A capacidade humana de compreensão do mundo é refletida na linguagem.

A categorização é o processo relacionado à associação por similaridade – ou emparelhamento de identidades – de palavras ou sintagmas assim como suas partes componentes a representações estocadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico. Também é fundamental o entendimento de *chunking*, pois, no que tange o escopo do presente trabalho, entende-se que a sequência de elementos tomados individualmente pode originar uma estrutura mais complexa, de forma que passem a ser reconhecidos e armazenados como uma única unidade (*chunk*), formando, assim, uma construção estruturalmente mais complexa.

A noção de *chunking* está intimamente ligada ao processo denominado lexicalização. Martelotta (2011) o define como um processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes. O sentido da construção deixa de ser entendido a partir das partes da construção, e a interpretação semântica passa a ser da unidade lexical que se formou, a construção como um todo, isto é, do *chunk*.

Brinton & Traugott (2005) agrupam alguns entendimentos sobre o fenômeno e, assim, definem a lexicalização como um processo de mudança que, em certos contextos linguísticos, promove o surgimento de uma construção sintática ou uma formação de palavras, que possui propriedades formais e semânticas que

não são completamente deriváveis ou previsíveis a partir dos seus constituintes, ou do padrão da formação das palavras. Pode haver, ainda, mais perdas em seus constituintes, tornando este agrupamento mais léxico, como perdas fonéticas. Nesse processo de mudança linguística, a construção perde sua composicionalidade, ou seja, o significado da construção não é o sentido da soma das partes que a compõem.

Ao longo do tempo, alguns itens que sofrem lexicalização podem se tornar altamente idiomáticos. Um olhar sincrônico pode dar a impressão de que não há iconicidade, ou seja, alguma motivação, como no exemplo encontrado no corpus, “lua de mel”. Porém, em uma análise diacrônica, de acordo com a linha funcionalista, pode ter havido alguma motivação inicial, mesmo que depois de lexicalizada, a nova construção não seja completamente previsível a partir dos seus constituintes.

Analizamos os dados coletados segundo a análise de Brinton & Traugott (2005), que dizem que os itens do léxico podem enquadrar-se em uma escala que varia de um nível mais transparente (L1) até o mais idiossincrático (L3). O L1 é o nível em que os sintagmas são parcialmente fixos; o L2 corresponde às formas completas, semi-idiossincráticas; já o nível L3 é aquele em que são classificadas as formas idiossincráticas inanalísáveis. Conforme as autoras esta é uma classificação da mudança em graus, que varia de “menos” para “mais” em uma escala de lexicalidade (L1 > L2 > L3). Para elas, a lexicalização pode possuir diferentes graus de complexidade. Formalmente, os itens de conteúdo variam de frases fixas ou idiomáticas (L1) a compostos e formas derivadas (L2), até a formas fossilizadas idiossincráticas (L3).

Na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, os padrões mais específicos são abstratizados no uso a partir de padrões mais gerais. O conhecimento linguístico é *bottom-up*, ou seja é construído de baixo para cima, desde o nível do construto até o nível macro, o mais alto. Logo, a lexicalização, que é um processo de mudança, ocorreria no nível do construto, para depois ser abstratizado para níveis mais esquemáticos.

### 3- Metodologia

O *corpus* utilizado para a pesquisa foi o livro de crônicas “Em algum lugar do paraíso”, de Luis Fernando Verissimo. Esse livro possui uma linguagem menos formal e retrata fatos do cotidiano, o que proporcionou um bom número de dados para a análise qualitativa, e também para a avaliação dos níveis de lexicalização da construção binominal. Encontramos 224 dados que foram graduados nos níveis de lexicalização propostos pelas autoras Brinton & Traugott, 2005.

Como ponto de partida utilizamos a proposta de Goldberg (1995; 2006) sobre Gramáticas das Construções, que nos diz que o sentido da construção não pode ser apreendido analisando-se palavra por palavra. Vejamos o trecho a seguir:



- (2) “O diabo é que a gente sempre tem na cabeça **um banho de mar perfeito** que nunca se repete. O meu aconteceu em Torres, Rio Grande do Sul, em algum ano da década de 50.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 19)

Como vimos no trecho exposto acima, o adjetivo *perfeito* qualifica toda a construção e não somente *mar* ou *banho*, o que demonstra que os elementos do sintagma estão combinados de tal modo que entendemos o significado da construção como um único bloco e não pela soma dos significados de cada palavra.

Procuramos, então, classificar os dados coletados segundo a análise de Brinton & Traugott (2005). Consideramos, em nossa análise, que no nível L1 ainda poderia haver inserções de palavras entre os sintagmas; palavras que tendem a aparecer juntas, frequentemente, em um sintagma, e formam expressões do cotidiano, além de sintagmas parcialmente fixos, que não são construções idiomáticas, como por exemplo “controle da temperatura”:

- (3) “Estes hotéis modernos exageram. O calor me acordou. Isto aqui está um forno. Vou levantar e procurar o **controle da temperatura**. O termostato. Onde ficará o termostato?” (VERISSIMO, 2011, Pág. 23)

No nível L2, encontramos exemplos como “copa do mundo” sintagma mais complexo que L1, cujos elementos são mais coesos e semi-idiossincráticos, e a possibilidade de inserção ou deslocamento na construção é improvável.

- (4) “Nenhum de nós chegará muito longe no novo milênio. (Minha meta é chegar à **Copa do Mundo** de 2014, o que vier depois é gratificação.)” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7)

O nível L3 assemelha-se ao nível L2, mas apresenta uma idiomaticidade muito maior, sem que seja possível fazer inferências sobre como aquela construção possui este significado. São formas idiossincráticas não analisáveis, como por exemplo, em “lua de mel” no exemplo a seguir:

- (5) “Quarta ou quinta noite da **lua de mel**. Bom como nunca tinha sido antes, nem no namoro.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 162)

Ao analisarmos os dados encontrados, verificamos que existiam grupos de dados que possuíam características semelhantes. A fim de entender melhor como ocorre a lexicalização, estabelecemos algumas categorias. Nessas categorias agrupamos dados que possuísem características próximas.

Dividimos nossos em dados em três categorias: uma de caráter metafórico, aqui chamada de *Metaforização*, e duas de caráter não metafórico, nomeadas *Parte-todo* e *Tipificação*, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 1 - Categorias da CBQ  
**Construção binominal qualitativa**

Caráter metafórico	Caráter não-metafórico	
<i>Metaforização</i>	<i>Parte-todo</i>	<i>Tipificação</i>
<b>Exemplo: Descontrole Glandular da natureza (VERÍSSIMO, 2011, P. 17)</b>	Exemplo: Botão do telefone (VERÍSSIMO, 2011, P. 23)	Exemplo: Banho do mar (VERÍSSIMO, 2011, P. 19)

Fonte: Elaboração nossa

### 3.1. Metaforização

Segundo Lakoff e Johnson (2002), o princípio da metáfora é compreender e experienciar as coisas através de outras. Entendemos que, nesta categoria, existe, entre N1 de N2, uma relação envolvendo o uso de palavras que designam ações, características, ou sentimentos humanos atribuídos a itens abstratos ou, então, abarcando propriedades que não são comumente atribuídas ao N2. Portanto, uma forma de utilizar uma situação já conhecida pelo falante para expressar outra. Isto pode ser visto em (6):

- (6) “Me abandona, abandona as crianças, fica dez anos sem dar notícia e ainda tem o desprante, a **cara de pau**, o acinte, a coragem de reaparecer deste jeito?” (VERÍSSIMO, 2011. Pág. 125).

Podemos perceber que o N2, *de pau*, é um sintagma que caracteriza o N1, *cara*, o qual não pode ser entendido de forma literal, e sim metaforicamente. Neste exemplo, a construção destacada ganha um novo sentido, transcendendo a literalidade de uma justaposição semântica e resultando em um significado integrado.

### 3.2. Parte-Todo



Podemos dizer que, nesta categoria, N1 é constituinte semântico de N2, formando, assim, um componente do todo de N2. Entendemos que N1 está inserido, de alguma maneira, em N2, seja para delimitá-lo, fazendo parte do *frame* deste todo, ou como um fragmento material, como podemos ver no trecho abaixo:

- (7) “E Guizael propôs um negócio ao homem estranho. Uma parceria na venda. Ele multiplicaria os potes de coalhada, e os pães, e os peixes, e transformaria a água em vinho, e Guizael economizaria na **farinha dos pães** e no leite da coalhada, e não dependeria mais dos seus fornecedores de peixes e de vinho.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 79)

Nesse trecho, constatamos que o N1, farinha, é componente do todo, pães, sendo, ainda, um constituinte material do preparo deste alimento, estando, desta maneira, inserido literalmente neste N2.

### 3.3. Tipificação

Nesta categoria, há, entre N1 e N2, uma relação de detalhamento, na qual, o N2 estabelece qual o tipo de N1, exercendo uma espécie de diferenciação, já que esse N2 se opõe a outro tipo de N2, o que pode ser visto em (5).

- (8) “Você alguma vez teve **roupa de veludo**? Nem eu. Sou da geração pós-veludo e pré-jeans. Às vezes olho fotografias daquelas crianças antigas com roupas ridículas, golas rendadas e babados, e me dá uma inveja...” (VERISSIMO, 2011, Pág.49)

Através dessa passagem, observamos que a expressão destacada é constituída de um N1, *roupa*, que possui caráter mais genérico e que é semanticamente especificado pelo N2, *de veludo*, que o tipifica. Vale dizer, ainda, que ao pormenorizar o N1, há possibilidade de oposição de significado entre o exemplo trazido e outros casos com distintos especificadores.

Embora tenhamos estabelecidos três categorias, verificamos que dentro desses grupos havia, ainda, dados que compartilhavam de características mais específicas. Por conta disso, julgamos necessário estabelecer algumas subcategorias. Preferimos não as nomear como fizemos anteriormente com as categorias, contudo procuramos defini-las como veremos abaixo:

### 3.4. Metaforização

**a) Subcategoria 1:** neste conjunto de dados, agrupamos aqueles dados em que, por meio de uma metáfora, são atribuídas, ao primeiro nome do binominal, características não inerentes a ele, como podemos ver no exemplo a seguir.

- (9) “Que terça é o dia mais sem graça que existe, sem a gravidade de uma segunda — dia de remorso e decisões — e o **peso da quarta**, que centraliza a semana (pelo menos em Brasília), ou a concentração da quinta, ou a frivolidade da sexta.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

**b) Subcategoria 2:** aqui encontramos uma relação metafórica entre a relação de tempo e espaço, de modo que uma noção mais abstrata como tempo possa ser entendida de forma mais concreta como o espaço.

- (10) “Podemos escolher nosso destino, desenhar nossos próprios meridianos e paralelos e prováveis novos mundos. É verdade que a **passagem do tempo** não se mede apenas pelo retorno dos domingos, também se mede pela degradação orgânica, e que a cada domingo estaremos mais perto daquela outra sombra, a que nunca acaba, suspiro e reticências.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

**c) Subcategoria 3:** existe na subcategoria uma ideia de exagero, com o objetivo de intensificar o discurso.

- (11) “Na nossa **fome de coordenadas** no tempo nos convencemos até que dias da semana têm características. Que uma terça-feira, por exemplo, não serve para nada” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

**d) Subcategoria 4:** neste grupo, assim como no anterior há a ideia metafórica do exagero, contudo, ao contrário dos outros grupos, em que o SP possui a função de qualificar um nome, neste grupo há a seleção de um aspecto que parece estar inserido no referente expresso no segundo nome, aquele que faz parte do SP, o que ocasiona uma ênfase na ideia expressa no binominal.

- (12) “E na seção de importados. É isto mesmo, gente. Vocês estão vendo um fracassado numa crise emocional e conjugal. Estas anchovas norueguesas são um símbolo do meu fracasso. Do **fracasso de um casamento**. Do fracasso de uma vida. Estas aqui, ó.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 28).

**e) Subcategoria 5:** esta subcategoria é aquela que parece ser mais idiomática, de modo que o significado do binominal não possa ser entendido a partir do significado individual das palavras que o compõem.

- (13) “Quarta ou quinta noite da **lua de mel**. Bom como nunca tinha sido antes, nem no namoro. A janela aberta, um único grilo prendendo a noite lá longe, como um alfinete de som, e os dois suados e abraçados na cama do hotel-fazenda.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 162).

### 3.5. Parte-todo

**a) Subcategoria 1:** há entre os nomes, no binominal, uma relação de pertencimento, um componente que é parte inerente de uma totalidade.

- (14) “Ele multiplicaria os potes de coalhada, e os pães, e os peixes, e transformaria a água em vinho, e Guizael economizaria na farinha dos pães e no **leite da coalhada**, e não dependeria mais dos seus fornecedores de peixes e de vinho.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 79).

**b) Subcategoria 2:** existe, no binominal, uma relação de ligação entre os nomes, de modo diferente da que vimos no subcategoria 1, pois embora não haja um pertencimento literal, há uma ideia de pertencimento pelo fato de que um nome está associado a ideia geral do outro.

- (15) “O telefone. Vou apertar o **botão do telefone** e ver o que acontece. Alguém vai ter que atender. Alguém vai ter que me dar explicações.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 23).

**c) Subcategoria 3:** Há, neste grupo, uma relação de delimitação do nome 2 por meio do nome 1 no binominal.

- (16) “— É uma lata verde, Luiz Otávio. Procura bem que você acha.  
— **Lata de ervilha**, aqui, só tem... Deixa ver. Pode ser esta? Dabeng?” (VERISSIMO, 2011, Pág. 27).

### 3.6. Tipificação

**a) Subcategoria 1:** ocorre uma caracterização no binominal, o ato de destacar uma característica.

- (17) “Que uma terça-feira, por exemplo, não serve para nada. Que terça é o dia mais sem graça que existe, sem a gravidade de uma segunda — **dia de remorso e decisões** — e o peso da quarta, que centraliza a semana (pelo menos em Brasília)” (VERISSIMO, 2011, Pág. 7).

**b) Subcategoria 2:** os dados possuem uma relação de especificação ou serventia do primeiro nome.

- (18) “E usou o batom da mãe? Ih, cuidado, uma surra agora pode deflagrar um processo de introjeção edipiana e traumatizá-lo para sempre. Também fui da primeira geração que, com a invenção da **calculadora de bolso**, não precisou decorar a tabuada. Resultado: cresci sem a noção de duas coisas importantíssimas: pecado e matemática.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 49).

**c) Subcategoria 3:** na categoria, identifica-se uma propriedade inerente ou uma qualidade própria de um nome.

- (19) “— Luiz Otávio, essas ervilhas são colhidas uma a uma por virgens no Tibete. São caríssimas. Sai daí, Luiz Otávio. Procura as ervilhas na **seção de enlatados nacionais**.  
— Epa! Olha o que tem aqui. Anchovas norueguesas. Lembra, bem?” (VERISSIMO, 2011, Pág. 27).

**d) Subcategoria 4:** há a ideia de atribuição entre os nomes no binominal.

- (20) “Ela entrou devagarinho. Como se, além de ser o avesso do seu, o **apartamento de Sérgio** pudesse conter outras surpresas. O chão podia estar no teto e o teto no chão.” (VERISSIMO, 2011, Pág. 137).

Identificadas nossas categorias, procuramos entender se alguma categoria ou subcategoria dos dados estaria mais propensa a se lexicalizar. Fizemos, então, o cruzamento entre as categorias e os níveis de lexicalização. A seguir apresentaremos os resultados.

#### 4- Análise de dados

Nas seções a seguir apresentaremos o número de dados de cada subcategoria, e a classificação deles nos níveis de lexicalização.

##### 4.1. Uso metafórico:

##### 4.1.1. Análise da categoria *Metaforização*

Tabela 1- Metaforização x Níveis de Lexicalização

Metaforização	Número de Níveis de Lexicalização
---------------	-----------------------------------

	<b>dados</b>	<b>L1</b>	<b>L2</b>	<b>L3</b>
Subcategoria 1	13	12	1	0
Subcategoria 2	4	4	0	0
Subcategoria 3	2	2	0	0
Subcategoria 4	5	5	0	0
Subcategoria 5	9	3	3	3
Total:	33	26	4	3

Fonte: elaboração nossa

Podemos perceber que em *Metaforização* a maior parte dos dados se encontra na subcategoria 1, com 39,3 % dos dados. Neste subconjunto encontramos 92,3% dos dados em L1 e apenas 8,7% em L2. Na subcategoria 2 encontramos 100% em L1, assim como nas subcategorias 3 e 4. Na subcategoria 5, encontramos 3 dados em cada nível, estabelecendo assim um equilíbrio total entre os níveis, é somente neste subconjunto que encontramos dados no nível mais lexicalizado, o L3. Como vimos, a formação de novos itens lexicais a partir de palavras que já existem caracteriza o processo de lexicalização. Em *metaforização*, mais especificamente na categoria 5, constatamos que esse processo é mais avançado, já que existem dados no nível L3. Portanto, os dados desse nível são aqueles considerados mais idiomáticos e difíceis de serem entendidos literalmente a partir das suas palavras componentes, os chamados *chunks*. Estas construções possuem uma forte integração entre seus componentes semânticos e há, entre eles, uma cristalização de sentido que se dá pelo todo, e independe do sentido original dos itens individuais, além disso, a possibilidade de inserção de palavras no interior dessas construção passa a ser improvável.

## 4.2. Uso não metafórico

### 4.2.1. Análise da categoria *Parte-todo*.

Tabela 2 - Parte-Todo x Níveis de Lexicalização

<b>Parte-Todo</b>	<b>Número de dados</b>	<b>Níveis de Lexicalização</b>		
		<b>L1</b>	<b>L2</b>	<b>L3</b>

Subcategoria 1	5	5	0	0
Subcategoria 2	17	8	9	0
Subcategoria 3	21	12	9	0
Total:	43	25	18	0

Fonte: elaboração nossa

Analisando esta tabela, observamos que a subcategoria 3, possui o maior número de dados, com quase a metade da porcentagem total (48,8%), no nível L1 encontram-se 57% dos dados e no nível L2, 43% dos dados. Observamos, ainda, que todos os dados da subcategoria 1 estão no nível L1, e na subcategoria 2 há, praticamente, um empate na distribuição dos dados com 47% dos dados no nível L1 e 53% no nível L2. Não encontramos dados no nível L3.

#### 4.2.2. Análise da categoria *Tipificação*.

Tabela 3 - Tipificação x Níveis de Lexicalização

Tipificação	Número de dados	Níveis de Lexicalização		
		L1	L2	L3
Subcategoria 1	28	20	8	0
Subcategoria 2	50	19	31	0
Subcategoria 3	31	27	4	0
Subcategoria 4	39	11	28	0
Total:	148	77	71	0

Fonte: elaboração nossa

Nesta última categoria, vimos que a subcategoria 2 apresenta a maior porcentagem dos dados, 33,8%. Nela encontramos, 62% do total no nível L2 e 38% dos dados no nível L1. Na subcategoria, vimos 71,4% dos dados no nível L1 e 29,6% dos dados no nível L2. Na subcategoria 3, encontramos 87% em L1 e 23% em L2. Na última subcategoria, encontramos a maior parte dos dados no nível L2, com 71,8% e 29,2% em L2.



Os dados nos níveis menos lexicalizados (L1 e L2) como encontramos em Parte-todo e Tipificação, apresentam menos idiomática nos itens que compõem a construção, isto é, há uma gradação de transparência entre os dados analisados, e os itens de L1 são mais transparentes do que de L2, que por sua vez são mais transparentes do que L3.

Em L1, os itens das construções são menos rígidos, de forma que a possibilidade de inserção de elementos no interior da construção não prejudicam o seu sentido, pois os mesmos apresentam sentido composicional, ou seja, são entendidos de forma literal. O mesmo não costuma acontecer nos dados de L2, que possuem sintagmas mais integrados e mais idiomáticos. Estes dados estão propensos a se tornar dados inanalísáveis, assim como os de L3. A frequência com que os itens de L1 e L2 aparecem juntos será fundamental para que ocorra o processo de lexicalização, pois quanto mais frequente uma sequência de palavras aparecer junta, mais propensa a formação de um *chunk* estará; portanto, podendo apresentar idiomatização dos componentes semânticos, erosão fonética, fusão etc.

### 4.3. Outros resultados

Na próxima tabela demonstraremos a análise dos níveis de lexicalização nas categorias maiores.

Tabela 4 - Categorias x Níveis de Lexicalização

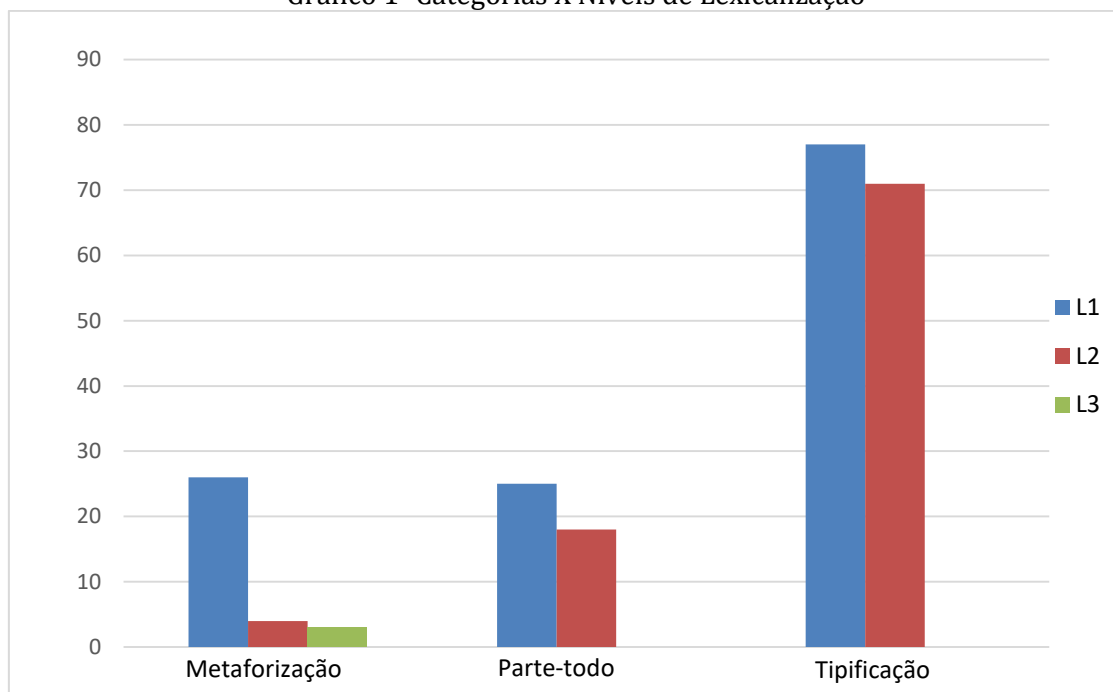
Categorias	Níveis de Lexicalização		
	L1	L2	L3
Metaforização	26	4	3
Parte-Todo	25	18	0
Tipificação	77	71	0
Total:	128	93	3

Fonte: elaboração nossa

A maioria dos dados da categoria *Metaforização* se encontra no nível L1 (o menos lexicalizado) com 78, 8 % do total. No nível L2, encontram-se 12,2% dos dados e no nível L3, 9% dos dados (o mais lexicalizado). Enquanto que na categoria *Parte-Todo*, podemos ver que a maior parte dos dados também se encontra no nível L1 (58%) e no nível L2, (42%). Porém, nessa categoria há um equilíbrio maior entre os primeiros níveis e nenhum dado encontrado no nível mais lexicalizado (L3). Quanto aos níveis de lexicalização, assim como em *Parte-todo*, em

*Tipificação* não encontramos nenhum dado no nível L3. Nos níveis L1 e L2, obtivemos resultados muito próximos, 52% e 48%, respectivamente.

Gráfico 1- Categorias X Níveis de Lexicalização



Fonte: elaboração nossa

Vimos, na análise de dados, que *Parte-todo* e *Tipificação* possuem a maior parte dos dados no nível L1. No entanto, no nível L3, encontramos apenas dados de *Metaforização*, localizados na subcategoria 5. Logo, após observação dos dados, concluímos que as metáforas, presentes extensivamente na nossa comunicação, estão mais propensas a um nível maior de lexicalização do que as outras categorias.

Analizamos também a presença do determinante nos dados. Na presente pesquisa, algumas tendências foram reveladas. Dados com a presença de um determinante em contração com a preposição *de* são menos lexicalizadas do que construções sem determinante. Entendemos que no dado, *compras de natal*, há uma expressão geral, designada para expressar as compras de uma época do ano, portanto, este dado estaria mais propenso a passar por lexicalização. No entanto, se fosse *compras do Natal*, o artigo definido *o* especificaria *natal*, estando, desta forma, provavelmente em um nível menos lexicalizado. Veremos abaixo a porcentagem da presença/ausência do determinante nos dados encontrados no *corpus*.

Tabela 5 – Construções com/sem determinante

Números de dados %

<b>Construções sem determinante</b>	98	44
<b>Construções com determinante</b>	126	56
<b>Total</b>	224	100

Fonte: elaboração nossa

A tabela a seguir demonstra claramente o que foi dito acima. Notamos, na análise, que no nível L1, 68 % das construções possuem determinante e apenas 32% não possuem. No entanto, nos níveis mais lexicalizados ocorre o contrário. No nível L2, 57% das construções não possuem determinante e 43% possuem, embora haja um equilíbrio, postulamos que a maior parte dos dados não possuir determinante é um indicativo de um possível caminho para a lexicalização. No nível L3, que apresenta construções mais lexicalizadas, 100% das construções não possuem determinante. Esses dados confirmam a premissa de que nas construções mais lexicalizadas e mais gerais, os determinantes são menos presentes.

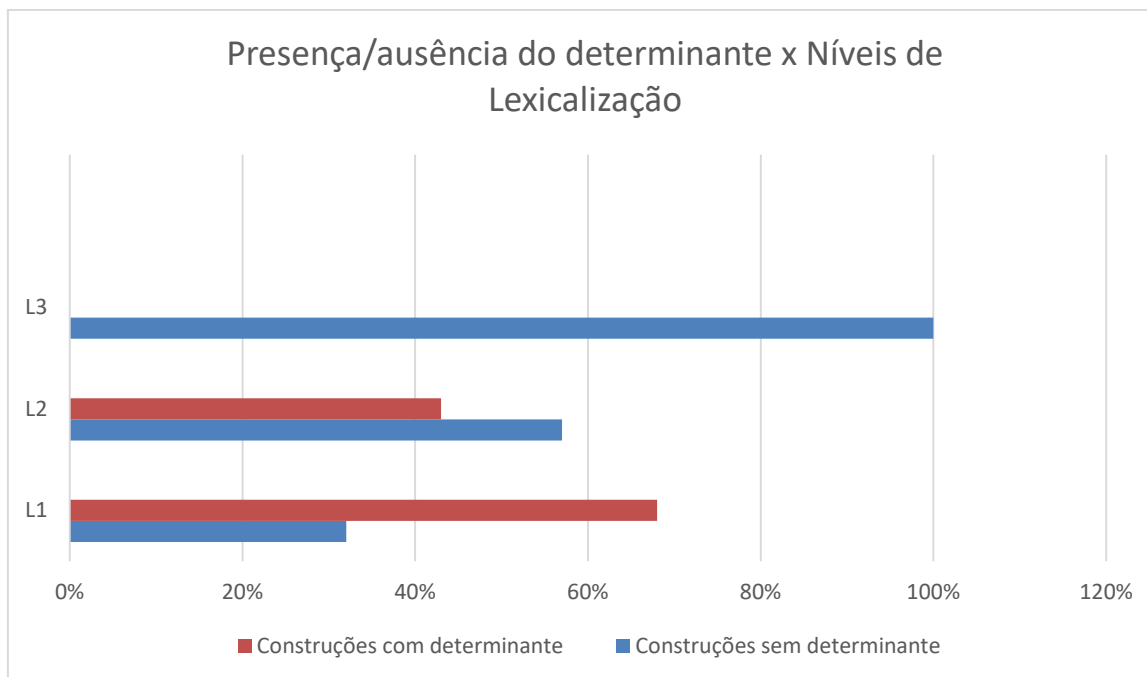
Tabela 6 - Presença/ausência do determinante x Níveis de Lexicalização

Níveis de Lexicalização	Construções sem determinante	Construções com determinante
<b>L1</b>	32%	68%
<b>L2</b>	57%	43%
<b>L3</b>	100%	0%

Fonte: elaboração nossa

O gráfico a seguir ilustram os dados demonstrados na tabela acima.

Gráfico 2 - Presença/ausência do determinante x Níveis de Lexicalização



Fonte: elaboração nossa

## 5. Considerações Finais

Partindo de uma análise sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, tivemos como objetivo nesta pesquisa entender a lexicalização nos dados da construção binominal qualitativa. Após a coleta de dados e observar os contextos em que os mesmos se encontravam, procuramos separá-los em grupos de construções, que tivessem características em comum. Neste momento, julgou-se necessário uma nova análise, na qual observamos que dentro dos grupos, ainda poderíamos estabelecer subcategorias, que possuíssem em comum características ainda mais específicas.

Após classificar os dados das categorias, a qual nomeamos *metaforização*, *parte-todo* e *tipificação* e suas respectivas subcategorias elencadas acima, constatamos que o primeiro grupo, o de metáforas, está mais propenso à lexicalização. De maneira ainda mais específica, os dados classificados no nível L3 (o mais lexicalizado), se encontram na subcategoria 5, que possui como exemplos “cara de pau”, “lua de mel” e “quarteto de cordas” (VERISSIMO, 2011). Observamos, ainda, neste trabalho, a presença e ausência do determinante, e a premissa de que construções mais lexicalizadas não possuiriam o determinante se confirmou após a análise dos dados.

Observar o uso é muito importante nos estudos de fenômenos relacionados à gramaticalização e à lexicalização, pois os humanos tendem a utilizar um referencial mais concreto para algo mais abstrato. A partir da criatividade dos seres humanos, se inicia a lexicalização, aqui estudada, e por meio da repetição estes fenômenos linguísticos se confirmam. A perspectiva de base funcional e

centrada no uso procura entender qual foi a motivação inicial destes processos, e a arbitrariedade que pode se desenvolver ao longo do tempo.

No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, o tema, aqui estudado, ainda não foi muito explorado, vale dizer que os estudos sobre lexicalização são menos frequentes do que aqueles sobre gramaticalização. A razão disto pode ser o fato de que há menos consenso sobre a definição de lexicalização (cf. MARTELOTTA, 2011). Por conta desse fato, esse estudo que propõe uma análise sobre a lexicalização na construção binominal qualitativa, pode dar uma pequena contribuição para o estudo desse tipo de mudança, que consiste na atribuição de novos significados às palavras já existentes, compondo novos itens lexicais a partir da combinação ou da modificação dos atuais. Contudo, ainda há muito a ser dito e explorado, e muitas questões a serem respondidas. Este tema é extremamente amplo, e fornece dezenas de possibilidades de análise.

## Notas

<sup>1</sup> Esta pesquisa é fruto de um trabalho que foi desenvolvido durante a iniciação científica, e que faz parte do projeto intitulado Quantidade e Qualidade na interface cognição e gramática desenvolvido pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> K A no grupo de estudos Discurso e Gramática (D&G), na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> As siglas N1 de N2 representam a estrutura binominal (nome 1 de nome 2), como por exemplo: *cadeira de praia*.

<sup>3</sup> O \* indica que o determinante pode ou não estar presente no binominal.

---

## Referências

---

ALONSO, K. S. B. *Construções Binominais Quantitativas e Construção de Modificação de Grau: uma abordagem baseada no uso*. 2010.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In: Joseph, B.; Janda, R. (eds). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, Joan. *Cognitive processes in grammaticalization*. In Michael Tomasello, ed., *The new psychology of language: Cognitive and functional approaches to language structure*./ Volume 2. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2003.

BRINTON, Laurel; TRAUGOTT, Elizabeth. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 3.ed. renovada e ampliada. 1.reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William; CRUSE, Alan D. *From idioms to construction grammar*. In: Cognitive Linguistics. Cambridge, 2004.

FRIED, M. To appear in Graeme Trousdale & Thomas Hoffmann (eds.) *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Czech Academy of Sciences, Prague. Oxford University Press. Final draft.

FUMAUX, Nuciene Caroline; ALONSO, Karen; CEZARIO, Maria Maura. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. Espírito Santo: *Revista Percursos Linguísticos*, v. 7, n.14, p. 139-158, 2017.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_ *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad.: Grupo de estudos da Indeterminação e da metáfora (sob a coordenação de Maria Sophia Zanotto) e Vera Maluf. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ., 2002

MARTELOTTA, Mario. *Mudança Linguística: Uma Abordagem Baseada No Uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization, constructions and the incremental development of degree modifiers in English. IN: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, selection, development – probing the evolutionary model of language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. pp. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth. "Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization" Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer, March 2nd 2012.

TROUSDALE, E. *Grammaticalization, constructions and the grammaticalization of constructions*. University of Edinburgh

VERISSIMO, Luis Fernando. *Em algum lugar do paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.



---

## Para citar este artigo

---

FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilóphio; ALONSO, Karen Sampaio Braga. Construção binominal e lexicalização: um estudo centrado no uso. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 3, p. 757-777, set.-dez. 2018.



---

## As autoras

---

**Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux** é doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**Karen Sampaio Braga Alonso** é professora do Departamento de Linguística da Universidade do Rio de Janeiro. Substituta Eventual do Diretor de Cultura e Extensão da Faculdade de Letras da UFRJ (2018). Possui graduação em Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Doutorado em Linguística pela UFRJ (2010) e pós-doutorado na área de Linguística na Universidade da Califórnia (Berkeley).